

Notícias falsas: Como reconhecê-las e evitar as suas consequências?

Francisca Maria Fernandes^{*#1}, Luís Mendonça de Carvalho⁺², Sandra Carmo^{‡3}

*Investigadora, Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

+Professor Coordenador, Instituto Politécnico de Beja

‡Professora de Física e de Química, Escola Secundária Luís de Freitas Branco, Agrupamento de Escolas de Paço de Arcos

Resumo

Neste artigo apresentamos uma revisão bibliográfica sobre o que são notícias científicas falsas, como se podem identificar, evitar e/ou reduzir as suas consequências. Consideramos que os jovens devem ser apoiados pelos professores a desenvolver o pensamento crítico e a literacia informática, sendo este trabalho um contributo para esses objetivos.

Palavras – chave: Notícias científicas falsas; Mundo digital; Algoritmo de personalização; Literacia informática

Desenvolvimento

Atualmente, saber o que são notícias científicas falsas, como se podem identificar, evitar e/ou reduzir os seus efeitos nefastos é parte integrante da literacia dos cidadãos.

Na história da Humanidade, podem destacar-se quatro fases, muito significativas, na produção do conhecimento: a linguagem (há centenas de milhares de anos), a escrita (IV milénio a. C.), a imprensa com caracteres móveis (meados do século XV) e a *Internet* (década de 1960)¹. Cada uma das quatro fases mudou, acentuadamente, o modo como os seres humanos pensam e comunicam ¹. Presentemente, o acesso a ferramentas tecnológicas sofisticadas permite produzir notícias falsas convincentes e publicá-las, instantânea e globalmente, o que afeta a capacidade de escolha dos indivíduos e promove alterações comportamentais a nível ecológico, social e político².

¹ franciscafernandes@fcsh.unl.pt (Ph.D. Biologia; Investigadora; Professora de Biologia e Geologia);

² lmcc@ipbeja.pt (Ph.D. Biologia) ; ³sandra.carmo@aepa.pt

Nas diversas áreas do conhecimento, as notícias falsas têm assumido acentuada relevância, tendo, em 2017, surgido o termo *factos alternativos* para nomear os dados imprecisos e, em 2018, a citação mais emblemática do ano foi a *verdade não é verdade*². As notícias falsas classificam-se em sete categorias (conteúdo polarizado, sátira, relatórios incorretos, comentários, informações persuasivas, jornalismo amador) e tendem a apresentar incorreções gramaticais, abundância de afirmações com carga emocional, títulos enganosos, fontes pouco credíveis, endereços *web* com reduzido grau de padronização, *e-mails* pessoais na secção *contactos*, menor grau de factualidade, circulação nas redes sociais e, raramente, nos principais meios de comunicação³. Pelo contrário, as notícias credíveis tendem a ser precisas, a identificar as fontes da informação que apresentam, a seguir códigos éticos que contemplam a honestidade e a correção de erros.

O estabelecimento da *Philosophical Transactions of Royal Society* e a publicação de revistas científicas, iniciada em 1665, criaram um mecanismo de apresentação da informação que pode ser examinada e criticada pela comunidade científica². A rápida evolução deste processo, ao longo da segunda metade do século XX promoveu o desenvolvimento da ciência e converteu-a num fator de influência da decisão pública e política². Contudo, a disseminação de notícias científicas falsas e as suas graves consequências poderão vir a demolir, paulatinamente, o prestígio granjeado pela ciência. Entre as diversas notícias científicas falsas destacamos duas extremamente emblemáticas nas últimas décadas: **a)** a vacina contra o sarampo, a papeira e a rubéola causa autismo^{4;5}; **b)** as mudanças climáticas não estão a ocorrer².

Na sequência da publicação de um relatório científico falso, no qual se declarava que a vacina contra o sarampo, papeira e rubéola causava autismo^{4;5}, surgiu, por todo o planeta, o fenómeno designado por *vaccine hesitancy*^{6; 7}, apesar da eficácia das vacinas estar cientificamente comprovada, na prevenção de infeções e de doenças fatais. A disseminação desse facto fabricado contribuiu para o recente surto de sarampo na Europa⁸, entre as crianças não vacinadas, levando a incapacidades permanentes e à morte².

A negação da influência antropogénica nas mudanças climáticas contribuiu para desresponsabilização dos indivíduos e da sociedade².

Por forma a reduzir os efeitos nefastos que advém das notícias falsas, têm sido estudados mecanismos que abrandem a sua disseminação nos *mass media*, tais como: **a)** desenvolver algoritmos - sequências finitas de operações a ser executadas por um processador com o objetivo de solucionar um problema - que favoreçam as notícias com base factual⁹ e excluam fontes fraudulentas^{10;11}; **b)** responsabilizar os *mass media* pelos conteúdos que publicam *online*; **c)** aumentar a velocidade de deteção e de remoção de materiais perniciosos;

d) educar as novas gerações de modo a desenvolverem o espírito crítico ¹² e o interesse pela cultura científica. Acresce, ainda, incrementar a habilidade no uso da *Internet* que, por sua vez, assenta nas seguintes ações: **a)** averiguar a origem da informação que se lê; **b)** conhecer certos truques emocionais, tais como publicar factos falsos indutores de medo, que tornam as pessoas menos exigentes quanto à veracidade da informação; **c)** saber que um dos pontos fortes da *Internet* é a coexistência de outras fontes onde se pode confirmar a informação, como, por exemplo, em questões de saúde convém verificar se a informação é publicada em *websites* de centros idóneos de pesquisa, prevenção e prestação de serviços de saúde; **d)** avaliar, criticamente, o que se lê e não aceitar os argumentos publicados como inquestionáveis; **e)** resistir à urgência em simplificar o processo da procura metódica da verdade; **f)** evitar partilhar informação sob a qual restem dúvidas quanto à sua veracidade¹³; **g)** ter presente a ação dos algoritmos de personalização, subjacentes às redes sociais, que tendem a fornecer, aos utilizadores, conteúdos consistentes com os seus padrões de *cliques* e com as suas crenças¹⁴, por exemplo, alguém que é cético em relação às alterações climáticas receberá um fluxo crescente de conteúdos que negam a intervenção humana nas mesmas, tornando-o menos propenso a tomar medidas pessoais favoráveis a resolução do problema. Para contrariar este fenómeno, requerem-se estratégias inovadoras, baseadas na racionalidade, que anulem o impacto da disseminação da desinformação.

Referências

- ¹Harnad, S. (1991). Post-Gutenberg galaxy: the fourth revolution in the means of production of knowledge. *Public-Access Comput. Syst. Rev.* 2, 39-53.
<http://cogprints.org/1580/1/harnad91.postgutenberg.html>. [Google Scholar](#)
- ²Hopf, H.; Krief, A.; Mehta, G.; Matlin, S. A. (2019). Fake science and the knowledge crisis: Ignorance can be fatal. *Royal Society Open Science*, 6(5), 190161. <https://doi.org/10.1098/rsos.190161>.
- ³Molina, M.; Sundar, S.; Shyam, Le, Thai & Lee, Dongwon. (2019). "Fake News" Is Not Simply False Information: A Concept Explication and Taxonomy of Online Content. *American Behavioral Scientist*. DOI: 10.1177/0002764219878224.
- ⁴Hviid, A.; Hansen, J. V.; Frisch, M.; Melbye, M. (2019). Measles, mumps, rubella vaccination and autism: a nationwide cohort study. *Ann. Intern. Med.* 170, 513-520. ([doi:10.7326/M18-2101](https://doi.org/10.7326/M18-2101))
- ⁵Rao, T. S. S.; Andrade, C. (2011). The MMR vaccine and autism: sensation, refutation, retraction, and fraud. *Indian J. Psychiatry* 53, 95-96. ([doi:10.4103/0019-5545.82529](https://doi.org/10.4103/0019-5545.82529))
- ⁶Kestenbaum, L. A.; Feemster, K. A. (2015). Identifying and addressing vaccine hesitancy. *Pediatr. Ann.* 44, e71-e75. ([doi:10.3928/00904481-20150410-07](https://doi.org/10.3928/00904481-20150410-07))

⁷Larson, H. J. (2018). The biggest pandemic risk? Viral misinformation. *Nature* 562, 309. (doi:10.1038/d41586-018-07034-4)

⁸WHO European Region (2018). Measles cases hit record high in the European Region. WHO European Region, Copenhagen, Denmark, 20 August 2018.

⁹Lazer, D.M. J.; Baum, M. A.; Benkler, Y.; Berinsky, A. J.; Greenhill, K. M.; Menczer, F.; Metzger, M. J.; Nyhan B.; Pennycook, G.; Rothschild, D.; Schudson; M., Sloman, S. A.; Sunstein, C. R., Thorson, E. A. , Watts, D. J., Zittrain, J. L. (2018). The science of fake news. *Science*, 359, 1094-1096. (doi:10.1126/science.aao2998) [Crossref](#), [ISI](#), [Google Scholar](#)

¹⁰Padma, T. V. (2019). Indian scientists protest against unscientific claims made at conference. *Nature*, 565, 274. (doi:10.1038/d41586-019-00073-5) [Crossref](#), [Google Scholar](#)

¹¹Temming, M. T. (2018). Scientists enlist computers to hunt down fake news. *Science News For Students*, 27 September 2018. <https://www.sciencenewsforstudents.org/article/scientists-enlist-computers-hunt-down-fake-news>. [Google Scholar](#)

¹²Bourguignon J-P. (2018). Scientists can lead the fight against fake news. *World Economic Forum Annual Meeting of the New Champions*, 16 September 2018. <https://www.weforum.org/agenda/2018/09/scientists-can-lead-the-fight-against-fake-news/>. [Google Scholar](#)

¹³Kowalski, K. (2019). Studies test ways to slow the spread of fake news. <https://www.sciencenewsforstudents.org/article/studies-test-ways-slow-spread-fake-news> (acesso em Janeiro 2020)

¹⁴Vijaykumar, S. (2019). Pseudoscience is taking over social media and putting us all at risk. *News Science, The Conversation*. <https://www.independent.co.uk/news/science/pseudoscience-fake-news-social-media-facebook-twitter-misinformation-science-a9034321.html> (acesso em Janeiro de 2020)